

O TIRO CIVIL

Orgão dos Atiradores Civis e Caçadores Portuguezes

PROPRIETARIOS: — ANSELMO DE SOUZA e PALERMO DE FARIA

Publicações

Anuncios, cada linha, typo commum . . .	20 réis
Comunicados	60 »
Reclamos	100 »
Artigos	200 »

Quinta feira 17 de dezembro de 1896

Assignaturas

Lisboa, série de 12 numeros	300 réis
Provincias, séries de 24 numeros . . .	600 »
Numero avulso	50 »
Paizes da união postal, 24 numeros . .	1.000 »

RESUMO

O tiro nacional, por PALERMO DE FARIA.—Couraças impenetráveis.—A proposito do projecto de lei sobre caça, por NEMROD.—As tarabolas, por TH. COELHO.—Duas palavras, por J. V.—A caça e o defeso, por J. RIBEIRO.—A meu mestre . . ., por B. DE SÁ.—Associação Protectora da Caça em Tempo Defeso.—O esquilo, por H. OLAVRAC.

O TIRO NACIONAL

TEM-SE generalisado consideravelmente por toda a parte, nos paizes que mais pensam nas probabilidades d'uma guerra, que venha pôr termo á paz armada que, principalmente desde 1870, se tem mantido nas principaes nações da Europa, a idéa de que devem aproveitar-se todos os elementos de força de que uma nação pode dispôr, e d'aquí a propaganda feita em favor das sociedades de tiro, que permittem habilitar o cidadão a ser soldado, ou antes atirador, qualidade importantissima na organização dos exercitos modernos e aptidão que transforma as grandes massas da infantaria em terríveis instrumentos de destruição e morte.

A principio, a idéa do tiro nacional quasi que se concentrava na Suissa, onde era como que tradicional, mas a pouco e pouco se foi reconhecendo a importancia d'estes exercicios, pelo exemplo dado pela pequena republica Helvética, e a Alemanha, a Inglaterra, a França, a Italia, todas as grandes potencias enfim, decidiram-se a introduzir na sua legislação o tiro nacional e hoje está largamente desenvolvido. A propaganda em favor da sua generalisação faz-se com tenacidade e com um patriotismo muito para louvar e sobretudo muito para imitar entre nós, que precisamos acompanhar o movimento moderno, e estar preparados e prevenidos para todas as eventualidades.

E' porem, muito lento o movimento que em Portugal tem tido esta generosa propaganda. A espaço muito largos, de longe em muito longe, vemos uma Camara Municipal lembrar-se de inscrever no seu orçamento uma pequenina verba para premios aos atiradores. Em tres annos de trabalho consecutivo das associações de tiro e dos grupos de atiradores, unicamente tres camaras, a de Lisboa, a de Chaves e a de Bragança, corresponderam ao apello que se fazia ao patriotismo de todas e não vemos por emquanto, que alguma outra esteja disposta a seguir este bello exemplo.

Precisamos mais, muito mais. As sociedades de tiro, ou grupos, deveriam organizar-se por toda a parte; em todos os centros, mais ou menos populosos, ha atiradores; em todas as aldeias, quasi em todos os montes, ha caçadores. Contam-se, certamente, por milhares os que entre nós sabem servir-se regularmente d'uma espingarda ordinaria, e, portanto, com poucos exercicios estariam habilitados a usar

da arma de guerra; porque não se aproveitam estes elementos dispersos, porque se não formam commissões de propaganda para demonstrar a necessidade de abrir, pelo menos em todas as cidades, carreiras de tiro, onde se fizessem concursos annuaes, com premios pecuniarios, que pequenissimas quotisações permittiriam estabelecer e que provocariam a frequencia nas carreiras?

Ha ainda muito que fazer em favor do tiro nacional, e se é lisongeiro para todos o que se tem conseguido já, não nos parece que seja o sufficiente, nem que se deva parar no caminho tão brilhantemente encetado.

Em Lisboa, ha actualmente duas associações de tiro civil e tres grupos de atiradores nacionaes; no Porto porem, os exercicios de tiro ao alvo não se realisam senão n'uma carreira que tem apenas 120 metros de extensão e que pertence ao Club dos Caçadores; a carreira de tiro official ficou em projecto e todos os esforços para a sua construcção tem sido até hoje inuteis. E, apesar de tudo, acreditamos que os atiradores portuenses não se mostrariam inferiores aos de Lisboa, e as duas carreiras poderiam dar occasião a torneios muito interessantes, e muito uteis que fariam augmentar o numero dos frequentadores do tiro civil. Em seguida ao Porto, as outras capitães de districto diligenciariam obter concessões eguaes e, em pouco tempo, veriamos generalisadas as carreiras e todos nós habilitados a defender o territorio nacional, a ter assegurada a nossa autonomia.

A paz octaviana, de que felizmente gosamos ha mais de meio seculo, tem sido mal aproveitada, na verdade, e precisamos lembrar-nos de que nos ameaçam por toda a parte interesses superiores que, em demasia se tem feito sentir já. A nossa Africa, tanto no oriente onde já tem sido necessaria a accumulção de forças regulares, que para ali tem sido enviadas com o sacrificio de vidas e dinheiro, como no occidente onde estão a ser reclamadas com urgencia, provam bem que precisamos pensar na organisação, a valer, da defeza nacional e não acreditamos que ella se possa conseguir, sem aproveitarmos todas as forças vivas da nação, sem a educação militar, sem os exercicios de tiro, que tão excellentes resultados tem dado em todas as occasiões em que tem sido utilizados.

E' por tudo isto que desejaríamos vêr unidos, n'um só pensamento, todos quantos se interessam pelos exercicios de tiro, e que, postos de parte os attrictos e as difficuldades caminhassemos franca e desassombradamente em busca do mesmo ideal: a transformação completa da indiferença que nos tem abastardado, em acção de energia e dedicação pela patria que devemos defender.

PALERMO DE FARIA.

COURAÇAS IMPENETRÁVEIS

REALISARAM-SE na segunda feira, 14 do corrente, as experiencias sobre a couraça de panno impenetravel ás balas, de que é inventor o sr. George Cryger. As experiencias fizeram-se no Real Colyseu de Lisboa, na rua da Palma, perante numerosa concorrência de officias de todas as armas, da imprensa e muitos convidados entre os quaes estavam muitos socios das associações de tiro e grupos de atiradores.

A couraça que parece um peitilho, foi presa a um caaveleto no palco, tendo ao lado dois grossos pedaços de madeira, destinados a mostrar a força de penetração das balas da arma Kropatcheck, que é a nossa arma de guerra. As balas atravessaram os cepos indo cravar-se no fundo do palco.

Em seguida o sr. Cryger fez fogo com a mesma espingarda e cartuchos sobre a couraça que não deixou passar os projecteis que vararam apenas o tecido exterior.

O sr. Freitas, um dos atiradores do *Grupo Patria* fez fogo com uma carabina de 6^m,5 sobre a couraça e o resultado foi o mesmo; as balas não conseguiram atravessal-a.

A couraça é formada por duas camadas de panno azul entre as quaes está a materia que impede a entrada das balas.

E' na verdade, muito curioso este invento, em que ha muito se fallou na imprensa europêa, e que parece não estar por emquanto bem estudado, sendo, porém, incontestavel, pelo que vimos, que as balas da arma Kropatcheck não conseguem varar o peitilho, embora seja conhecida a sua grande força de penetração. Mas porque não tem sido estudado a serio este invento? Que motivo ou razões de ordem superior tem impedido que se façam experiencias em grande escala e de que poderiam tirar-se conclusões preciosas?

Incontestavelmente a maior parte do corpo poderia couraçar-se por este processo, e não nos parece para desprezar este meio de evitar a mortalidade nas campanhas.

O sr. Cryger apresentou no estrangeiro o seu tecido, experimentaram-se ali as suas estranhas qualidades, mas não conseguiu vê-lo aproveitado por emquanto.

Sabemos que não é facil encontrar alguem que se proponha a ser alvo, mas não nos parece difficil fazer-se a experiencia em animaes e reconhecer assim á evidencia o que ha de bom ou de mau na singular couraça.

E o choque da bala perante o corpo resistente que a impede de seguir o seu trajecto, será tal que invalide em grande parte a vantagem da couraça?

São assumptos para estudar e desejaríamos que o sr. George Cryger, em vez de apresentar-se n'um circo, dando-se em

espectaculo aos curiosos, se dispozese a expôr o seu tecido ao fogo das armas de guerra na carreira de tiro da guarnição de Lisboa, onde certamente haveria occasião para melhor o apreciar.

Quando inventos d'esta ordem são apresentados nos circos, dão occasião a pensar-se que não é absolutamente verdadeiro o que mostram ser, e por isso dizemos que, das experiencias feitas, nada certo podemos concluir.

A invenção, aparentemente, é das melhores, altamente util e com certeza muito aproveitavel, mas queríamos vel-a repetida nas condições que a sciencia exige e feita pelas auctoridades no assumpto, para que se podesse emitir com segurança uma opinião.

Emquanto o sr. Cryger não proceder d'este modo seja-nos permittida a duvida em que nos deixou a experiencia a que assistimos no Colyseu.

A proposito do projecto de lei sobre caça

(Continuado do n.º 86)

ART.º 31. — A citada lei franceza estabelece os locais onde se pode dar busca para apprehensão da caça, o que me parece acceptavel.

Pode, pois, este artigo ser additado com o seguinte § unico: *As buscas para apprehensão de caça só podem ser feitas nos hotéis, hospedarias, lojas e domicilios dos negociantes de comestiveis, nas ruas e logares abertos ao publico.*

ART.º 32 — Este artigo estabelece uma pena menor que o Cod. Pen. no art.º 254. O Cod. Pen. n'este artigo estabelece a pena de prisão de 3 a 30 dias e multa correspondente a quem caçar nos mezes em que o exercicio da caça é prohibido e para quem caçar por modo prohibido pelas posturas ou regulamentos.

Não vejo razão para alterar a pena estabelecida no Cod. Pen. e parece-me que ella deve ser conservada determinando-se apenas que se deve accumular a pena de prisão, não devendo nunca a multa ser inferior a 6\$000 réis.

Esta mesma pena deve ser imposta a quem caçar por modo prohibido pela presente lei.

No projecto não está isto completamente previsto.

O n.º 9 do art.º 37 previne o uso de substancias corrosivas, venenosas e incendiarias, mas o n.º 8 do mesmo artigo não previne o uso de ratoeiras, mas apenas o facto de se ser encontrado com ellas.

§ Segundo o projecto, embora, houvesse prova de que qualquer caçava com ratoeiras, não sendo encontrado com ellas, não tinha crime, o que seria absurdo.

O projecto estabelece apenas a pena de multa de 6\$000 para o que caçar com substancias corrosivas etc.

E' uma pena muito pequena. Em harmonia com as considerações que tenho feito, parece-me que o art.º 32 poderá ser redigido pela seguinte fórmula: *Aquelle que caçar nos mezes em que pela presente lei é prohibido o exercicio da caça ou que nos mezes, que não forem defezos, caçar por qualquer dos modos prohibidos pela art.º 8, será punido com a pena de prisão de 3 a 30 dias e cumulativamente a da multa de 6\$000 a 60\$000 réis.*

Não me parece que a respeito da applicação da multa deva fazer-se excepção ao que estabeleceu o art.º 30.

O projecto, querendo mostrar-se rigoroso, apesar de estabelecer no art.º 32

uma pena inferior á do Cod. Pen. no art.º 254, diz que a pena de prisão não será remivel, o que está em opposição com os principios estabelecidos no Cod. Pen.

Actualmente não ha remivel ou se impõe a pena de prisão e ha de se estar preso, ou só a de multa, ou a pena de prisão e cumulativamente a de multa, como permite o art.º 98 § un. do Cod. Pen.

Não se pode, pois, admittir a excepção feita no projecto de não ser remivel a pena de prisão.

Parece-me que deve ser previsto aqui o caso de reincidencia e por isso eu additaria o art.º 32 com o seguinte § un. *no caso de reincidencia a pena será a de prisão de tres a 6 mezes e cumulativamente a de multa de 20 a 60\$000 réis.*

ART.º 33. Como já disse, quando tratei do § un. do art.º 6, a doutrina do art.º 33 deve ser incluído no capitulo 1.º, o que não impede que aqui n'este capitulo se estabeleça a pena applicavel ao que destruir a caça abusando do direito que concede o referido § un. do art.º 6.

Poderá, pois, substituir-se pelo seguinte o art.º 33 do projecto.

Incurrem na pena estabelecida no artigo antecedente os proprietarios ou rendeiros que abusarem do direito que lhe é concedido no § un. do art.º 6.

ART.º 34. Parece-me ter mais cabimento no capitulo primeiro.

Não estabelece pena, mas uma faculdade concedida á auctoridade administrativa.

(Continua).

NEMROD.

AS TARAMBOLAS

POUCOS são os que entregando-se aos exercicios venatorios, não tenham já tido o prazer de metter na sua *carneceira* uma d'estas famosas *charadrius pluvialis*, e digo prazer, porque o senti sempre, e grande, quando abato qualquer peça de caça.

As tarambolas, segundo a opinião de Buffon, são das aves que mais se prestam a um estudo sociológico.

«O instinto social (escreve o grande naturalista), não é característico a todas as especies de aves; porém, nas tarambolas é bem manifesto; maior, mais decidido que em muitos outros animaes, pois não sómente são os seus bandos mais numerosos, e a sua reunião mais constante, mas a communitade de desejos e vontades são a razão explicativa da sua ligação mutua, do seu amor pela especie e da sua multiplicação.»

E effectivamente as tarambolas, são das aves de arribação que em annos de boas entradas se encontram em maiores bandos no nosso paiz.

On ne voit jamais un pluvier seul: diz Longolins.

Leurs plus petites bandes sont au moins de cinquante: escreve Belon.

Do norte da Europa emigra para os paizes do sul e norte d'África, emigração que faz em setembro e outubro regressando do sul em fins de fevereiro e em março.

Viajando ordenadamente em bandos procura de preferencia os ventos favoraveis, formando no ar como que grandes zonas transversaes muito extensas, porém, pouco densas; algumas vezes veem-se tambem em tres ou quatro zonas paralellas bastante estreitas mas muito prolongadas no sentido transversal.

A' semelhança do alcaravão e das be-

cuas procuram os sitios humidos e as terras lamacentas em busca de vermes e insectos que constituem o seu principal alimento.

Extremamente asseiadadas, como as galinholas, maçaricos, alcaravões e muitas outras aves de arribação que se nutrem de vermes, vão todas as manhãs a sitios aonde haja agua para lavar o bico e pés.

Não quero deixar de me referir a um facto curioso que se dá com as tarambolas: o jejum!

As *charadrius* são verdadeiras jejuadoras, rivais sem reboço do Succí, pois podem supportar um jejum durante quinze e mais dias.

A tal respeito, diz Schwenckfeld, que tendo submettido por varias vezes algumas tarambolas a um jejum rigoroso, observou que apenas a agua e alguns grãos de areia eram o alimento necessario e sufficiente para viverem durante uma quinzena!

Sagazes, irrequietas, vivas como poucas aves, raramente estacionam no mesmo sitio mais de vinte e quatro horas. Como quasi sempre se encontram em grande numero bem depressa o logar aonde poissam fica rapidamente limpo do seu *pasto vivente* (permittam-me o termo), vendo-se por isso obrigadas a passar a outro.

E' exactamente n'esta occasião a melhor maneira de se lhes poder dar caça, devendo preferir-se a manhã e melhor ainda antes, se fôr no mesmo sitio em que pernoitam.

A um só caçador torna-se difficil o chegar-lhe; sendo quasi certa a caçada quando se lhe faça um cerco, a não ser de embuscada o que por forma alguma posso admittir.

«Só se separam para passar a noite, porém, de manhã, logo que o *appellante* ou *chamador* que quasi sempre é macho, solte o toque de reunir a tropel umas após outras se juntam repentinamente.» diz V. de Bomare.

Mas por hoje ponto. Vou deixar o leitor em paz e carregar uns cartuchos para as mimosear.

Dezembro, 1896.

TH. COELHO.

DUAS PALAVRAS

Meus caros amigos:

HA muito tempo já que não os incomodo com as minhas rabiscadelas; entrou commigo o frio, que é bastante intenso n'estes ermos, e que se agrava com a passagem dos janeiros que já me vão pesando no costado.

Mas se não tenho escripto, não deixei ainda de lêr o seu excellent e interessante semanario, e cada vez que se falla nos progressos do tiro civil alegro-me e lamento não ter agora uns vinte annos para me transformar n'um atirador que desse brado. Mas a vista falta-me, as pernas nem sempre teem a firmeza necessaria e o braço não se sente com a força precisa para metter á cara uma Kropatchek. Paciencia! Contento-me em dizer aos conterraneos que aproveitem a mocidade e se habilitem para prestar o seu auxilio se a patria d'elle precisar.

Fui sempre um entusiasta pelo tiro. Filho de caçador, desde pequeno que me habituei a andar por montes e vales atraz das perdizes e das lebres e tenho chumbado um bom par d'ellas, graças a Deus. Passaram tambem por mim algumas agitações populares e lembro-me como se fosse hoje da barulhada de 1846.

Tambem n'essa epoca se pensou no tiro á bala, mas um tiro que em nada se parece com as modernas theorias e as novas exigencias. N'esse tempo quem tinha uma caçadeira de dois canos julgava-se capaz de lutar contra um exercito. Vejam como os tempos mudaram e a arte de matar tem progredido.

Deixemos, porém, este assumpto que não foi propriamente aquelle que me fez pegar na penna e dar ar ao tinteiro que tinha uma camada de bolór menos má. O que me animou foi a leitura d'umas vinte e cinco linhas da 4.^a pagina do *Tiro Civil*, com o titulo *um pedido*, publicadas em o numero 92 de 3 do corrente. Não preciso certamente, lembrar aos leitores o assumpto a que se referem, mas para que não restem duvidas sempre direi que era um pedido dos meus amigos e dirigido aos *codornizeiros* para darem cabo de todas as desventuradas, isto é uma especie de hecatombe colossal que de vez acabasse com as pobresinhas.

Entendamo-nos, meus amigos. Não estou absolutamente d'accordo com semelhante malvadez. Então que mal fazem as codornizes? Deixem-nas viver, pois tem direito á vida e embora os caçadores as vão chumbando nas pavêas, não se lhes acabe com a raça assim sem mais nem menos, porque ainda são um piteu muito aproveitavel. Portanto vivam as codornizes!

O caso, porém, é outro. Os *codornizeiros* do norte zangaram-se; os do sul fizeram o mesmo e estava eminente a *bernarda*, e isso é que não vale. Já o ditado antigo dizia *inter amicos nada de geringonças*, e os meus amigos fizeram bem em arrumar uma linha de pontos finaes ao caso e pedir aos contendores que ensarilhassem as armas e dessem por concluida a campanha com o «*badalar do mez de janeiro de 1897*» porque tão acalorada discussão melhor poderia reservar-se para uma propaganda insistente e porfiada em favor do tiro civil.

Se em vez de codornizes se discutissem as vantagens de todos serem atiradores, declaro-lhes, meus amigos, que, apesar de velho, tinha alma de metter pés a caminho e ir dar um abraço pessoal e bem apertado em cada um dos que tivesse entrado na discussão, embora nos separassem muitas centenas de leguas. Quero até crêr que a viagem me faria bem, e me aqueceria os pés, que, apesar do classico brazeiro, me estão incomodando pela frieza. N'este assumpto de tiro, tudo quanto se disser é pouco e quanto mais larga for a discussão, tanto melhor para a idéa de generalisar uma das instituições mais proveitosas e mais uteis de que tenho conhecimento.

E se quizerem entrar n'este caminho contem comigo que não deixarei de ir *botar* a minha lóá, com a rabujice de velho, já se vê, mas com toda a sinceridade e franqueza que sempre tive desde que me entendo. Então sim, queimarei meia duzia de cartuchos, de polvora sem fumo, que são os mais modernos, e que o sr. ministro da guerra fez bem em mandar que fossem fornecidos pelo mesmo preço dos da polvora preta, mostrando-se assim patriota, como era de esperar de tão bello character.

As codornizes é que não atiro e acho que são tiros mal empregados os que lhe tem dado com a soffriguidão, que mais parece de caçadores novatos, do que de velhos, experimentados e illustres discipulos de Santo Humberto (*Humberto* com *m* que eu tenho por ahí visto tirarem o *m* ao santo e por mais que tenha pensado

e procurado ainda não descobri a razão da comedella).

Mas, meus caros amigos, os pés não me aquecem e as mãos esfriam-me; a tinta volta a cobrir-se com a pellicula bulorenta que tanto trabalho me deu a destruir e o peor é que o brazeiro não está hoje bom.

Vou para valle de lençoes e com esta resolução que não é homérica, mas pode ser pindarica, livro-os das *duas palavras* que vão degenerando em sermão e para sermões é melhor a quaresma do que o Natal, que está perto, e que eu estimo vejam passar com alegria.

E até breve se o frio consentir,

J. P.

A CAÇA E O DEFEZO

FICA por isso o *Pequeno adjutorio para um projecto de lei sobre caça* sem os commentarios da infeliz codorniz, que promettia guindar ás nuvens o seu auctor, o sr. Baptista de Sá.

Vou rezar um padre nosso pelo eterno descanso da desgraçadinha, e pelos ceinguinhos d'entendimento, para que a Divina Providencia lhes dê vista e claridade, e continuo já a minha romagem.

O dia da abertura da caça deverá ser o mesmo em todo o paiz? Que dia ou dias devem fixar-se?

Vou fazer algumas considerações sobre estas duas interrogações, muito de fugida, que offereço ao auctor do *projecto de lei sobre caça*, com o intuito apenas de lhe fazer ver, que, ou o dia d'abertura não deve ser o mesmo em todo o nosso continente, ou deverá ser o primeiro de setembro.

Sua Ex.^a sabe muito bem que, em alguns pontos das nossas provincias do Douro, Alemtejo, Beira Baixa, Beira Alta, Algarve e Extremadura, as perdizes estão cobertas de penna real, desenvolvidas e feitas no 1.^o d'agosto, e que por isso a 15 todo o caçador as pode matar, e trazer a descoberto no seu cinto, sem receio de ter de córar deante d'algun confrade, velho e rabugento, por mais exigente que elle seja.

Mas succede que, em outros pontos das mesmas provincias, que citei, e em outras, as perdizes, no 1.^o de setembro, ainda não tem o desenvolvimento das suas congêneres no 1.^o d'agosto. Que fazer?

Fixar, para umas regiões o dia 15 de agosto, e para outras o dia 1.^o de setembro?

Apezar de, para mim, em harmonia com o que n'este jornal tenho sustentado, assim deve ser, a confusão, a difficuldade em precisar bem as fronteiras da caça das perdizes, onde ellas estão mais ou menos desenvolvidas, chegando a dar-se o caso de, no mesmo concelho, em rigor, ser preciso fixar dias diferentes para inicio da caça, o calor asphixiante de tal tempo, que poucos caçadores supportam, etc., etc., levam-me a optar porque o grande dia d'abertura da caça, a estreia dos caçadores, a sua *première* annual seja o 1.^o de setembro.

Nunca deverá ser antes, aliás, aquelles mesmos que, com a sua lei venatoria, tem em vista de povoar de caça os nossos montados, irão destruir a sua propria obra: a hecatombe das perdigotas, *sem penna real*, é certa, inevitavel.

Nas ligeiras considerações que faço sobre a época mais propria, para se principi-

piar annualmente a caçar, só quiz referir-me á perdiz, lebre e coelho. deixei de fóra a codorniz, a rôla, e as aves aquaticas, para não ter d'ir muito longe.

Ficaré isto para outra carta.

De Vv.

Porto-7-12-96.

J. RIBEIRO.

A MEU MESTRE...

«Não ha cego que se veja nem torto que se conheça.»

APEZAR do sr. dr. Jayme Ribeiro me auctorisar, na sua carta do n.^o 93, a responder-lhe mascarado de *pierrrot*, vestido com esse traje que s. ex.^a me emprestou uma vez obrigando-me a envergal-o para me mostrar que, nem assim, a minha chalaça era superior á sua, eu, concordando com o pensar dos illustros directores d'este semanario, não continuarei a trocar o meu fato habitual por esse vestuario carnavalesco que diz tão bem a s. ex.^a e que o torna, de cada vez, mais *espirituoso e mais engraçadinho*.

Podê, pois, continuar, sr. doutor, a escrever no seu estylo burlesco, mas escreva muito, muito, escreva até ao fim do mez corrente, pelo menos, farte-se, desabafe, que quanto mais escrever mais vingado fico. Desafferrolhe, outra vez, os seus cartuchos e dispare-os todos contra mim, que eu, ainda por cima, lhe ficarei eternamente agradecido.

Continue a contradizer-se em seus escriptos, a levar os meus para o ridiculo por assim lhe fazer mais conta; continue a metter os pés pelas mãos, e as mãos pelos pés; continue a julgar-se competente para a critica a projectos de lei da caça, e incompetente para os elaborar,—que lhe ficam muito bem esses sentimentos de apto-inapto, de escriptor modelo, de polemista de quilate sublime.

Tardou a sua estreia jornalística, mas não perdeu por isso:—é realmente brilhante!

Elle sempre ha doutores!

Se quizer ter o incommodo de lêr o n.^o 86 do *Tiro Civil*, verá que eu, no tal art.^o 5 do meu projecto, não chamo, não considero, nem equiparo as codornizes a animaes damnhinhos d'especie alguma; antes, n'esse artigo, as protejo dos animaes damnhinhos á caça, dos animaes perniciosos para a sua especie e para as lebres, coelhos e perdizes.

Mostre-me outro defeito do meu projecto, já que lhe vê tantos, porque, com relação ao que teve a infelicidade d'apresentar, o sr. Doutor ficou mal e muito mal.

E tem, para castigo seu, de confessar esta verdade, de dar a mão á palmatoria, e, por dever de delicadeza e segundo as praxes jornalísticas, de me pedir perdão da sua leviandade.

E deixe lá o nosso amigo Antunes em paz, e não se torne a ir gabar para o seu concelho d'Agueda, que elles o que quem é *cluchar* consigo.

O praso está a findar, sr. Doutor: tem apenas ás suas ordens mais tres numeros do *Tiro Civil*.

E ha de vêr, no fim, que a sua chalaça não conseguiu encavacar-me, a despeito, mesmo, de toda a minha cardura.

Porto, dezembro 13 de 96.

B. DE SÁ

ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA CAÇA EM TEMPO DEFESO

Extracto da sessão da Direcção em 9 do corrente

PREZENTES OS SRS. A. de Souza, presidente; Antonio José Coimbra, thesoureiro; José Vidal, secretario; Alfredo Cartaxo, vogal.

Aberta a sessão ás 9 horas da noite, foi approvada a acta da sessão anterior.

Foram presentes os estatutos já approvados, que importaram em réis 83.856.

Foi nomeado o sr. Coimbra para se entender com a direcção da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes, afim de combinarem uma proposta para que a associação protectora da caça, continue installada na séde da Associação dos Atiradores Civis Portuguezes.

O sr. presidente declarou que se estava imprimindo os estatutos e que logo que estivessem promptos os faria distribuir pelos socios que os tiverem pago.

Extracto da sessão de 15

Presentes os srs. A. de Souza, José Vidal, J. P. Fernandes, Alfredo Cartaxo, da direcção e dr. Anachoreta e Mendes Neutel da commissão de propagação.

Foi lido um officio do socio o sr. Alfredo Santos em que agradecia o voto de sentimento que lhe foi communicado pelo fallecimento de seu irmão o sr. Frederico dos Santos.

Foi presente e approvada a proposta para o accordo entre as duas direcções, sobre a installação da associação que terá de ser submettida á sanção das respectivas assembleas geraes, que se verificam este mez.

Ficou assente que se officiasse ao sr. presidente da assemblea geral, pedindo-lhe para convocar esta para o dia 29 do corrente mez.

ARMADILHAS E RATOEIRAS

É raro o dia, em que n'algum jornal, não veem queixas contra a caça, com estes instrumentos de tortura e anniquilamento.

As auctoridades locais, que não podem nem devem ignorar o facto, tem o mais completo desprezo, pela lei, que regula estes assumptos.

Ha dias, eram individuos conhecidos como caçadores furtivos, que emigraram de Villa Viçosa para Alcaccer, com burros carregados de ratoeiras, e varios outros pretexos de destruição.

Hoje é a seguinte proeza, contada pelo nosso estimavel collega *Diario de Noticias*.

Informa-nos um nosso amigo, que Francisco Marchica, residente em Oarique possui grande numero de laços e ratoeiras, com as quaes caça coelhos e lebres.

Ora a caça que infelizmente no nosso paiz, vae cada vez escaseando mais; a qual existe uma lei que não permite tal maneira de caçar, porque razão não se faz cumprir essa lei?

E' a pergunta que fazemos, e ao mesmo tempo pedir ao sr. administrador do concelho d'aquella localidade a sua vigilancia tão precisa.

85 coelhos apanhados em dois dias na Charneca da Torre com armadilhas, é devéras condemnavel e repugnante!

Temos fé, em que a direcção, da Associação protectora da caça em tempo defeso, logo que deixe a interinerencia em que tem estado, tendo já os seus estatutos approvados, entre n'uma verdadeira campanha contra estes abusos; conta com o apoio do sr. Governador Civil d'este districto,

e com muitos e valiosos elementos de vida e acção que bem aproveitados algum resultado benefico devem produzir.

Pela nossa parte não descançaremos.

O ESQUILO

III

É um mamifero vertebrado ditreme. Pertence á familia *Sciuridæ* genero macrocerque caracterizado pela existencia de uma cauda comprida e provida de abundantes pellos tufados á maneira de pennacho.

O esquilo é um roedor vivo e agil que vive quasi sempre sobre as arvores e sómente se abriga no solo debaixo de algum maço de verdura, quando as rajadas de vento são de tal ordem que o arvoredado dobrando em arco e nodoso tronco oscilla violentamente pondo em jogo as qualidades de equilibrio que o pequenino animal possui no maior grau.

Sciurus era o nome porque antigamente se conhecia; a sua caça foi muito apreciada e ainda hoje algumas nações da Europa tem nos seus bosques bastantes d'estes roedores a que os caçadores fazem encarniçada guerra.

Ha uma especie de esquilos nocturnos denominados *Sciuropterus* ou Esquilos voadores que tem a particularidade de possuir entre os membros uma especie de páraquedas membranoso.

Os gregos designavam o esquilo vulgar pelo nome de *skiouros* palavra composta de duas partes *skia* que significa sombra e *oura* que quer dizer cauda, cujo conjunto põe em evidencia a propriedade que o animal tem de conservar a cauda dobrada sobre o dorso e sobre a cabeça como pretendendo resguardal-a do sol ou da chuva.

E' um animal tão esperto e docil, tão facil de conservar e domesticar que é pena não se vulgarisar entre nós para lhe retirarmos a dupla vantagem da carne que é saborosa e dos pellos que são especiaes para pinceis. A cor do pello varia bastante sendo contudo a mais commum o castanho avermelhado.

A principal alimentação d'este pequeno quadrupede são os caroços e fructos, especialmente as amendoas, nozes e ulandes. Como é sabido de todos nem sempre se encontram nos campos aquelles fructos; é naturalmente no estio que são abundantes e faltam por completo na primavera, no entanto o esquilo nunca sabe o que sejam os rigores da fome pela sua intelligente previdencia. Procura entre as velhas arvores cujo tronco está já carcomido pelo tempo e pelos vermes, aquella que lhes pôde offerecer um celleiro mais espaçoso e abrigado; emquanto ha fartura enche o tronco, sobretudo dos fructos ou sementes de que é mais guloso. É curioso mais tarde observar a activa fiscalisação que os proprietarios exercem nos seus armazens, não abandonando nunca as suas immedições.

O esquilo foge do calor e passa a maior parte do dia abrigado entre os troncos; sahe sómente pela tarde para se exercitar e comer, continuando de noute n'uma brincadeira de correrias e saltos de arvore para arvore, em que coopera um grande numero, acompanhando a sua perigosa gymnastica de gritos agudos e estridentes.

De manhã bebe o orvalho empoçado nas rugas das velhas arvores.

Alguns que não encontram um tronco óco sufficientemente largo para se abrigar escolhem a bifurcação de dois ramos altos para construir com cavacos e hervas secas

cas um ninho espaçoso e solido para servir de habitação aos filhos. Este ninho tem apenas uma pequena abertura na parte superior, do tamanho necessario para dar passagem ao corpo do animal.

A parição tem logar geralmente no mez de junho e nunca é superior a quatro ou cinco fillos.

Muito industrioso e esperto o esquilo permanece quasi sempre sentado sobre os membros posteriores servindo-se dos anteriores para comer, no que faz lembrar o macaco, pela sua attitude um tanto ou quanto vertical. As unhas são de tal forma agudas que o pequeno quadrupede sobe com a maior facilidade as faias mais altas e de mais liso tronco.

A caça do esquilo sendo curiosa é relativamente facil.

Para o caçar a tiro, encarrega-se um creado de bater com um páu o tronco das arvores fazendo bastante ruido, e na occasião em que o animal sahe do esconderijo para ver a origem de tal motim, atira-se-lhe de chofre, porque o animal percebendo o caçador salta rapidamente de arvore em arvore deixando-se sempre occulto por algum tronco.

Algumas vezes acontece que o animal ferido sóbe rapidamente até ao ramo mais alto da arvore onde permanece immovel por alguns minutos cahindo em seguida morto, sobre o solo.

Outra maneira de caçar consiste em esperar n'uma clareira aquelles que vêm fugindo dos batedores que começaram a espantal-os na outra extremidade do bosque.

Mas é pela perseguição que a caça d'este animal offerece maiores attractivos e entretem os amadores algumas horas.

Nos paizes onde a caça do esquilo tem ainda voga reúnem-se bastantes pessoas n'um ponto onde sabem existir esquilos e com cacetes batem fortemente o tronco das arvores. Quando um dos caçadores descobre um esquilo grita aos companheiros que se reúnem todos em perseguição d'aquelle animal continuando a fazer barulho no pé das arvores para onde elle salta e gritando constantemente um estribilho previamente combinado.

E' necessario muito cuidado em não perder de vista o animal e nunca o confundir com outro que appareça porque dada a troca os caçadores tem que perseguir animaes frescos e a caçada não daria resultado algum.

No fim de tempo o animal com as forças diminuidas começa a demorar mais os saltos e estes tornam-se mais curtos, até que completamente exhausto, n'um dos saltos perde o ramo e vem cahir no meio dos caçadores.

Então todos querem ter as honras do halali e todos, senhoras, homens e creanças se esforçam por lançar a mão ao esquilo que se defende denodadamente com os dentes e com as unhas muito ponteadas.

Para conseguir o seu fim os caçadores devem ter as mãos calçadas de luvas ou envoltivas em lenços.

Algumas vezes o animal consegue ainda escapar-se e trepa com incrível ligeireza pelo tronco que lhe fica mais proximo e a caça recommença com dobrado encarniçamento, mas não dura muito porque o esquilo abandonado pelas forças em breve cae de novo.

H. OLAVRAC.

Editor responsavel — Manuel Augusto Pinto

A LIBERAL — Officina typographica
Rua de S. Paulo, 216